

diz que no primeiro caso a palavra *un* pode suprimir-se sem alterar o sentido à proposição, o que já não acontece no caso da segunda.

Cremos estar esclarecidos sôbre as conclusões de Padoa, mas não podemos ser concordes.

O êrro, muitas vezes, das afirmações no campo da lingüística, resulta do desconhecimento do que seja a linguagem, e ser-se levado a considerá-la só sob o ponto de vista lógico, esquecendo-se da carga *psicológica* que as palavras podem acumular, que é marcada pelo ritmo da frase, pela cadência e pela entoação. E isto, porque se tem simplesmente em linha de conta a linguagem escrita, imprecisa na maioria dos casos, imperfeita na expressão do pensamento. Ora, o símbolo escrito está muito longe do símbolo oral, porque na frase escrita escapa a intenção psicológica dada no símbolo oral pelo acento de intensidade psíquica. Assim, uma mesma frase escrita pode ter múltiplas interpretações consoante a conjunção dos diferentes matizes melódicos impressos na entoação.

Exemplifiquemos com as proposições de Padoa, que podemos traduzir igualmente em português, sem lhe alterar o significado, se bem que uma seja de carácter lógico e a outra de carácter arimético, ou como diria Servien, uma de carácter lírico, e outra de carácter científico. Teremos pois:

Praxiteles foi *um* escultor  
*um* e *um* fazem dois.

Se alguma das proposições é intraduzível à letra é a segunda, e não a primeira, pois naquela será mais correcto o emprêgo de *são* por *fazem*.

Se a primeira proposição fôr uma

simples afirmação, a frase terá um ritmo normal, e o acento psicológico recairá em *Praxiteles* e em *escultor*. Neste caso tem Padoa razão, e a palavra *um* pode suprimir-se sem que se altere o significado da proposição. Mas a frase por si não nos diz que seja dessa natureza a afirmação, e podemos estar em presença duma afirmação de carácter particular, cujo acento principal esteja precisamente na palavra *um*; nesta altura o significado é já diferente, e por isso a palavra inalienável. No primeiro caso estabelece-se uma simples igualdade, e poderíamos substituir a cópula do juízo por um símbolo da linguagem matemática:

Praxiteles = escultor.

No segundo caso há porém um acento intencional que levará aquêle que pronunciar a frase a modificar a curva melódica da entoação, alongando e elevando a curva na pronúncia da palavra *um*. Neste caso a palavra não se pode suprimir, porque o sentido seria totalmente diferente, pois que antes eu estabelecia simplesmente uma identidade entre o homem e o seu predicado, e agora estabeleço uma entidade do mesmo modo, menos vaga, mais precisa, visto que a palavra *um* carrega-se agora de maior potencial sémico; e quando digo que

Praxiteles é *um* escultor

afirmo que êle é um escultor de verdade, um escultor que eu posso colocar entre os grandes escultores, e nesse caso eu não poderei prescindir da palavra *um*. Deixará de ser por êsse facto a palavra *um* tôrmo lógico? Padoa parece que assim o julgaria.